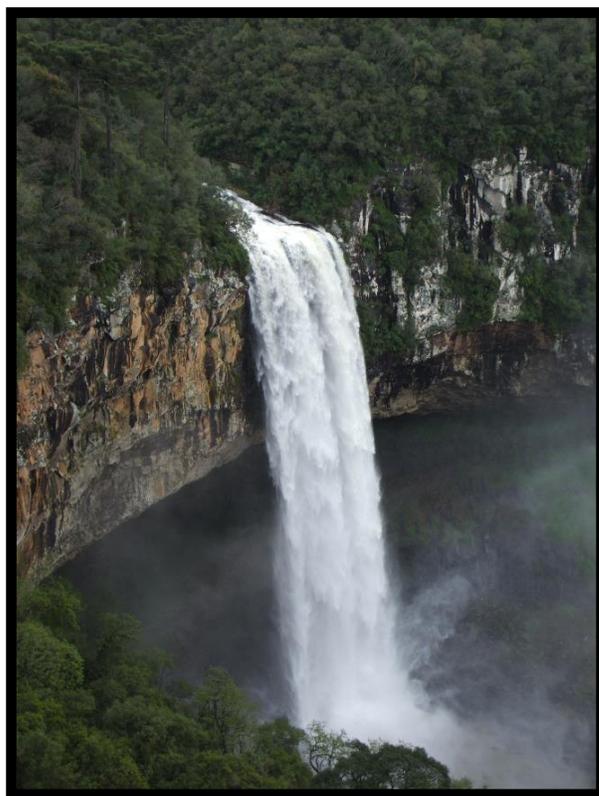


Plano de Manejo do Parque Estadual do Caracol



**Centro Histórico e Ambiental do Parque estadual do Caracol
- CHAPEC -**

Canela, 24 de Dezembro de 2007.

Plano de Manejo do Parque Estadual do Caracol, Canela/RS

Introdução

Em 252 AC. O imperador Asoka, da Índia, emitiu uma norma para a proteção de animais, peixes e florestas. Este pode ser o registro documentado mais antigo de uma intenção deliberada para estabelecer o que hoje chamamos de Áreas Protegidas (IUCN - PNUMA). As Áreas Protegidas por lei surgiram, nas Américas, a partir da criação do primeiro Parque Nacional, o Yellowstone em 1872 no estado de Wyoming – USA.

No Brasil, desde 1876 se falava em Parques Nacionais. O engenheiro André Rebouças, influenciado pela criação do PN Yellowstone, propôs a preservação da Ilha do Bananal no rio Araguaia e as Sete Quedas, no rio Paraná. Porém foi apenas em 1937 que foi criado o primeiro parque brasileiro, o Parque Nacional de Itatiaia, no Rio de Janeiro.

Com o intuito de compatibilizar a preservação dos ecossistemas com a utilização dos benefícios deles advindos é que estas áreas protegidas necessitam de um plano de utilização racional das áreas e dos recursos do local. É o Plano de Manejo, documento dinâmico que utiliza técnicas de planejamento ecológico, determina o zoneamento das áreas, caracteriza cada uma das suas zonas e propõem o seu desenvolvimento físico, de acordo com suas finalidades. A conservação é o objetivo e a pesquisa científica é o caminho para atingi-la. As tutelas jurídicas e os planos de gerenciamento são os instrumentos para viabilizá-la.

No Brasil, como na maior parte do mundo, restam poucas áreas com cobertura florestal original e, conseqüentemente, com a fauna nativa acompanhante. Diante desta realidade, os poderes Federais, Estadual e Municipal tentam minimizar impactos mais profundos criando as Unidades de Conservação (UC), que são “... porções do território, incluindo as águas territoriais, com características naturais de relevante valor, de domínio público ou privado, legalmente instituídos pelos poderes públicos Federal, Estadual ou Municipal, com objetivos e limites definidos, sob regime especial de administração e as quais se aplicam garantias de proteção” (FUNATURA, 1989). As UCs são criadas por decreto ou por lei e só podem ser alterado em sua área ou objetivo, com a conseqüente modificação da lei.

A primeira UC criada no Rio Grande do Sul foi a Reserva Florestal do Turvo, em 1947. Subseqüentemente, foram criadas a Reserva Florestal de Espigão Alto e Reserva Florestal de Nonoai, ambas em 1949. Em 1954 estas reservas florestais foram transformadas, através da Lei 2440, em Parques Estaduais. Em 1973 foi criado, o Parque Estadual do Caracol em Canela.

Histórico

A região onde está o Parque Estadual do Caracol foi habitada por índios Kaingangues, coletores de frutos e sementes. Em 1863 chegou o primeiro colono à região, Sr. Guilherme Wasen, procedente da Alemanha. A partir de 1900 começaram a surgir hotéis e casas de veraneio, além de um comércio e algumas indústrias associadas à extração de madeira. Os visitantes eram atraídos pelas belezas naturais do local principalmente as matas, a água e a temperatura amena. Na década de 20 dois fatos contribuíram para a diminuição da procura pelo local: a chegada da ferrovia à Canela e a implantação de uma fábrica de celulose nas margens de um afluente do arroio Caracol, alterando a qualidade da água. Em 1954, o governo Estadual decretou de utilidade pública a área de terras que se transformou, em 1973, no Parque Estadual do Caracol com uma área de 100 ha, sendo 25,10 legalizados.

A partir de 1954 quando o governo do Estado do Rio Grande do Sul decretou de utilidade pública as terras da fazenda de Pedro Nunes, onde se encontra a Cascata do Caracol, iniciou-se um gradativo aumento do número de visitantes ao local, fato que exigiu a construção de infra-estrutura nos anos subseqüentes. Assim foram construídas lancheria, restaurante (1964), portaria, banheiros públicos, estacionamento interno e um mirante. Posteriormente nova portaria foi edificada, em madeira, e um estacionamento externo para coletivos foi criado próximo a entrada do Parque, desafogando o grande número de ônibus. A grande beleza cênica do local, formada pela Floresta de Araucárias e tendo como centro de atenções a cascata, foram pontos decisivos para a criação do parque. Todavia as formas de utilização das áreas naturais do local não obedeciam a critérios mínimos de conservação a médios e longos prazos, deixando os ambientes expostos a ações de degradação ambiental gerada pela ação voluntária e involuntária dos visitantes. Em 1992 instalou-se no Parque um projeto de Educação Ambiental de longo prazo - o projeto Loboguará, criado e mantido pela Pampeana Produções Educativas Ltda, visando criar uma maior harmonia entre as atividades de preservação das belezas cênicas, da fauna e da flora e a utilização dos espaços pelos milhares de visitantes. Uma antiga casa, residência dos descendentes Nunes e Wasen construída em 1954, abriga o Centro de Interpretação Ambiental o qual se manteve em atividade até o início de 2007, quando foi encerrado o contrato da empresa com a Prefeitura Municipal de Canela. Sendo assim a casa continua sendo um ponto de visitaçãõ agora vinculada a Prefeitura e com o nome de Centro Histórico Ambiental do Parque Estadual do Caracol – CHAPEC. Hoje o Parque do Caracol é um parque moderno, com uma média de 250 mil visitantes por ano, sendo o segundo ponto mais visitado no sul do Brasil.

Na época da fazenda estava em atividade uma serraria e um moinho o qual gerava energia para casas e hotéis da região e produzia farinha. Tudo era movido à força hidráulica desviada por um aqueduto (um valo com pedra de alicerce e um cano de cedro anelado com ferro) da represa (construída em 1938).

Em relação à origem do nome **Caracol**, há três versões:

- a) O nome teria origem a partir da forma que o leito do arroio assume, em determinados locais e antes de chegar ao parque, assemelhando-se a um caracol;
- b) Forma-se uma concavidade no paredão atrás da queda d'água, lembrando a concha de um gigantesco caracol;
- c) Na época em que a família Wasen/Nunes morava no local do Parque, plantou-se uma trepadeira que os populares a chamavam de Caracol e se alastrou por áreas da fazenda e regiões vizinhas. Atualmente esta trepadeira ainda persiste próxima à casa do CHAPEC e é conhecida corretamente por Glicínia ou Cacho-de-viúva (***Wisteria floribunda***), sendo de origem japonesa.

Objetivos

A categoria de manejo para o Parque do Caracol tem como objetivo a preservação integral da maior parte dos ambientes naturais, coincidindo este objetivo com os de pesquisa científica. Sendo o Parque uma importante Unidade de Conservação, segundo a resolução CONAMA 011/1987, Art. 10, os objetivos do Plano de Manejo para esta unidade devem ser, basicamente, os seguintes:

- preservar a diversidade biológica;
- preservar/restaurar amostras do ecossistema;
- proteger espécies endêmicas ou ameaçadas de extinção;
- propiciar fluxo genético;
- preservar recursos da fauna e da flora;
- proteger paisagens e belezas cênicas;
- proteger recursos hídricos;
- propiciar pesquisas científicas e estudos;
- propiciar a educação Ambiental;
- propiciar recreação;
- incentivar o uso sustentado dos recursos naturais;
- conservar valores culturais, históricos e arqueológicos;
- servir como zona tampão (amortecimento);
- preservar áreas para o futuro.

Este conjunto de objetivos é um verdadeiro quadro de referência, dentro do qual as políticas do manejo das áreas de conservação atingem o patamar desejado pela administração do Parque. Portanto, contribuem para o engrandecimento da cultura e o bem estar da humanidade.

Programas de Manejo

O programa de manejo do Parque Estadual do Caracol está vinculado com o pleno desenvolvimento das atividades ambientais e administrativas, podendo servir de guia para um **Regimento Interno**. Este programa visa buscar uma conservação e recuperação do ecossistema bem como cumprir com os objetivos básicos de pesquisa, educação ambiental e recreação, demonstrando assim o alto valor destas áreas e a importância dela para o município e a região como um todo. As atividades de Manejo são organizadas em três programas:

- 1- Programa de Manejo do Meio Ambiente: investigação, manejo de recursos e monitoramento.
- 2- Programa de Uso Público: interpretação e Educação Ambiental e relações públicas.
- 3- Programa de Operações: proteção das áreas, manutenção e administração coerente com os objetivos traçados.

1- Programa de Manejo do Meio Ambiente

1.1 Subprograma de Investigação

Objetivos:

- Levantamento e introdução de espécies nativas que se mostrem inferiores ao número esperado para a área do Parque;
- Constatar a ocorrência de novas espécies da flora e fauna não descritas para o Parque;
- Conhecer o efeito das queimadas nas áreas limítrofes ao Parque, bem como nas áreas internas do mesmo;
- Acompanhamento e estudo de novas estradas e trilhas no interior do Parque;
- Monitoramento do Arroio Caracol visando detectar poluentes de diversas origens.

Atividades:

- incentivar pesquisas e estudos sobre os recursos florísticos e faunísticos do Parque; estudar e divulgar os danos sofridos pelo Parque através do uso do fogo, invasão de animais domésticos, fontes de poluição e uso intensivo do visitante em áreas de livre acesso;
- publicação de material didático com informação sobre o Parque e procedimentos visando a Educação Ambiental.

Normas:

- qualquer tipo de atividade científica relacionada com a área do Parque deverá ter a autorização da Direção Administrativa e Ambiental do Parque;
- o uso de veículos por visitantes do Parque ficará restrito às áreas de estacionamento;
- a investigação deverá evitar danos a vegetação e perturbação da fauna;
- as pesquisas deverão ser realizadas nas áreas destinadas conforme o zoneamento e cópia dos resultados deverá permanecer no Departamento Ambiental do Parque.

Resultados esperados:

- conhecimento amplo da flora e fauna que ocorrem no Parque, bem como de sua distribuição e fragilidade;
- compreensão da comunidade vizinha para a importância do Parque e sua preservação.

1.2 Subprograma de manejo de recursos

Objetivos:

- Manter as características primitivas do ecossistema natural;
- Recuperar as áreas degradadas e isolar áreas com tensão ambiental

Atividades:

- realizar estudos ou levantamentos sobre a viabilidade de eliminar as espécies da flora exótica em locais impróprios;
- agilizar a recuperação da vegetação nas zonas degradadas, reintroduzindo espécies nativas indicadas.

Normas:

- a eliminação das espécies exóticas da flora e a reintrodução de exemplares da fauna deverão ser feitas sob orientação de profissionais da área, utilizando-se técnicas específicas;
- as espécies da fauna a serem reintroduzidas serão provenientes da própria região e deverão ser identificadas por profissionais.
- Na reintrodução de espécies da flora nativa, deverão ser aproveitadas mudas produzidas na região.

Resultados esperados:

- Recuperação ambiental do Parque.

1.3 Subprograma de Monitoramento

Objetivos:

- Acompanhar a recuperação das áreas degradadas;
- Favorecer um maior conhecimento das condições edáficas, climáticas e hídricas do Parque;
- Promover a avaliação da interação fauna/flora no ecossistema;
- Promover estudos individuais relacionados à fauna e flora;
- Avaliar as sucessões autotróficas e heterotróficas do parque.

Atividades:

- realizar estudos dendrométricos das espécies florísticas usadas na recuperação de áreas degradadas;
- coleta de dados edafoclimatológicos e hídricos;
- avaliação e levantamento qualitativo da flora e fauna do Parque.

Normas:

- todo o estudo será feito por profissionais da área e terão acompanhamento do Departamento Ambiental do Parque.

Resultados esperados:

- atualização de dados para um controle maior do desenvolvimento gradual e progressivo da área e averiguação de qualquer irregularidade ou acontecimento importante;
- avaliação e conhecimento das alterações ocorridas na fauna e flora, para aproveitamento no Plano de Manejo.

2 – Programa de Uso Público

2.1 Subprograma de Interpretação e Educação Ambiental

Objetivos:

- Oferecer ao público visitante meio para o conhecimento do Parque;
- Atingir os objetivos do manejo, fomentando a utilização racional dos recursos;
- Dinamizar o estudo e observação por alunos e professores.

Atividades:

- elaborar folhetos educativos com informações gerais sobre o Parque;
- promover cursos de Educação Ambiental com programas adaptados aos diversos níveis de conhecimento;
- Construção de um Centro de Interpretação Ambiental e de um Observatório Ecológico;
- Acompanhamento de novos projetos arquitetônicos.

Normas:

- os agentes que atuam nas atividades de educação deverão ter conhecimento amplo do Parque;
- os acessos às zonas primitivas somente serão permitidos com um técnico do Parque;
- as atividades recreativas estão restritas às áreas próprias e indicadas;

Resultados esperados:

- divulgação do Parque, ressaltando seus programas, diretrizes e a sua importância no contexto regional e estadual;
- maior consciência ecológica e preservacionista do visitante.

3 – Programa de Operações

3.1 Subprograma de Proteção

Objetivos:

- Proteger os recursos naturais, especialmente a flora, fauna e solo, bem como todas as instalações do Parque, de depredações e subtração de elementos naturais.

Atividades:

- impedir a entrada de animais domésticos no Parque;
- retirar todos os animais domésticos da área, principalmente cães e gatos;
- colocar placas em locais estratégicos com frases de alerta e preservação;
- formação de guardas parques.

Normas:

- a fiscalização deve ser feita em todo o Parque, mas, principalmente, nas áreas mais distantes da administração;
- as placas deverão ser harmônicas com o ambiente e com as normas do Parque.

Resultados esperados:

- proteção dos recursos naturais do Parque;
- recuperação das áreas degradadas;
- conscientização do visitante.

3.2 Subprograma de manutenção

Objetivos:

- Manter os ambientes naturais com o mínimo de impacto possível;
- Manter as boas condições de uso os equipamentos, instalações e veículos.

Atividades:

- manter o serviço de fiscalização do Parque;
- manter as estradas e trilhas limpas e conservadas;
- inspecionar e restaurar equipamentos, veículos e máquinas periodicamente;
- manter as instalações em bom estado de conservação;
- manter as cercas e as placas de sinalização.

Normas:

- todos os serviços de manutenção deverão ser supervisionados pelos Diretores de Departamento do Parque;
- o Parque fornecerá o material para limpeza, pinturas ou peças de reposição de equipamentos.

Resultados esperados:

- bom andamento das atividades do Parque e integridade da área.

3.3 Subprograma de Administração

Objetivos:

- Proporcionar ao Parque as medidas necessárias para execução do Plano de Manejo, contando com pessoal, equipamentos e instalações.

Atividades:

- elaboração das normas do Parque;
- fornecer aos funcionários cursos de treinamento;
- atualizar o Plano de Manejo a cada 4 anos

Normas:

- as normas deverão ser criadas pelos Departamentos do Parque e Secretaria de Turismo e revisadas sempre que necessárias;
- os cursos para funcionários deverão ser ministrados periodicamente, visando esclarecimentos sobre os objetivos do Plano de Manejo;
- os Diretores do Parque serão os responsáveis pela execução do Plano de Manejo;
- as funções e atividades do pessoal deverão ser fiscalizadas pelo Diretor em exercício de acordo com seus respectivos cargos.

Resultados esperados:

- cumprimento das proposições do Plano de Manejo, garantindo com isso uma boa administração, tanto interna como externa, do Parque Estadual do Caracol.

Zoneamento

Visando alcançar melhores resultados nos objetivos do manejo, o Parque Estadual do Caracol, foi dividido em seis zonas diferentes, devido ao tipo de atividade humana e ao valor ecológico que elas apresentam para o conjunto. São elas:

1) Zona de Uso Especial

É aquela que contém as áreas necessárias a administração, manutenção e serviços do Parque, abrangendo habitações, oficinas, artesanatos, área de alimentação, recreação e outros.

Objetivo:

- Minimizar o impacto da implantação das estruturas no ambiente natural do Parque.

Descrição:

Esta zona é constituída pelas portarias 1, 2 e 3, administração, garagem, almoxarifado, viveiro de mudas e casa dos funcionários.

Normas:

- não será permitida a entrada e criação de animais domésticos;
- qualquer dano provocado nas estruturas do Parque, o infrator será encaminhado para a administração e penalizado com o valor correspondente ao conserto do dano;
- a construção de novas estruturas nesta zona ou nas demais zonas do Parque, só será aprovada mediante análise do projeto pelos Departamentos e Secretaria;
- nas áreas junto a moradias, é possível o estabelecimento de pequenas hortas cercadas, para produção e consumo próprio;
- o lixo coletado deverá ser armazenado em local específico obedecendo aos critérios estabelecidos pela Secretaria da Saúde;
- a velocidade dos automóveis nos acessos aos estacionamentos obedecerá às placas de sinalização e ao Código de Trânsito;
- é proibido fazer fogo fora dos locais apropriados.

2) Zona Intangível

É aquela onde a natureza permanece pouco ou nada alterada pela ação do homem, não sendo toleradas quaisquer alterações humanas, representando o mais alto grau de preservação. Funciona como matriz de repovoamento de outras zonas onde já são permitidas atividades humanas regulamentadas. Esta zona é dedicada à proteção integral de ecossistemas, dos recursos genéticos e ao monitoramento ambiental.

Objetivo:

- O objetivo básico é a preservação permanente do meio garantindo a evolução natural.

Descrição:

Por se tratar de um ambiente praticamente intocado ou em ótimo estado de conservação, as áreas que mais se assemelham a estes quesitos ficam localizadas atrás dos artesanatos, a mata abaixo do mirante até o poço da cascata e a mata que inicia atrás do camping indo em direção ao arroio Caracol. Também está enxerido neste contexto o banhado e campo nativo próximos ao poço artesiano.

Normas:

- é permitida a entrada apenas de técnicos das áreas ambientais;
- pode-se fazer coletas de sementes para reposição florestal;
- não é permitido fazer fogo;
- qualquer tipo de projeto para ser introduzido nestas áreas deverá passar pelos órgãos competentes para serem analisados e aprovados.

3) Zona Primitiva

Local onde tenha ocorrido pequena ou mínima intervenção humana, contendo espécies da flora e da fauna ou fenômenos naturais de grande valor científico. Pode ocorrer atividade de pesquisa científica, Educação Ambiental e proporcionar formas primitivas de recreação.

Objetivo:

- Manter a integridade do local da melhor forma possível permitindo o ingresso apenas com técnicos ou pessoal autorizado.

Descrição:

A maioria das matas do interior do Parque, ou seja, a mata que beira o paredão da cascata, atrás do CHAPEC, os capões próximos aos gramados e a mata ciliar do arroio.

Normas:

- o acesso será apenas com pessoal do Parque ou autorizado pelo Departamento Ambiental do mesmo;
- é permitida a Educação Ambiental;
- é proibido a retirada de exemplares da flora.

- é proibido fazer fogo
- as pesquisas deverão ser anteriormente analisadas pelo Departamento Ambiental do Parque.

4) Zona de Uso Intensivo

É aquela constituída por áreas naturais ou alterada pelo homem. O ambiente é mantido o mais próximo possível do natural, devendo conter centro de visitantes, museus, mirantes, observatórios ecológicos e outras facilidades de serviços.

Objetivo:

- Facilitar a recreação intensiva e Educação Ambiental em harmonia com o meio.

Descrição:

O extenso gramado em frente ao Centro Histórico Ambiental incluindo a área da casa e os campestres próximos ao aqueduto e a prainha, bem como o antigo camping, a área central do Parque, passeios, mirantes, área de entorno do restaurante, lancheria, artesanatos, áreas de piquenique, churrasqueiras, estacionamento dos coletivos, cidade fantasma, pracinhas e o percurso nos limites da Trilha do Arroio.

Normas:

- não serão permitidas instalações que venham a conflitar com o meio natural;
- é proibido o acesso de automóveis não autorizados a estas áreas;
- área de intensa atividade de Educação Ambiental;
- as áreas de recreação (campestres, antigo camping, pracinha e canchas de futebol e bocha) deverão ser utilizadas para fins esportivos não sendo permitido o uso de outras áreas;
- qualquer dano provocado no patrimônio do Parque, o infrator será encaminhado para a Direção do Parque;
- nas áreas junto às moradias é possível a criação de pequenas hortas para consumo próprio;
- é proibido fazer fogueiras fora das churrasqueiras
- a manutenção das trilhas e das estruturas ao longo destas, é de responsabilidade do Departamento Ambiental do Parque.

5) Zona Histórica

É toda a área que contenha características históricas/culturais.

Objetivo:

- Preservar as áreas de potencial histórico e enriquecer o visitante com informações que elucidem o passado da região.

Descrição:

Compreende a casa do Centro Histórico Ambiental e a área entorno da mesma, como as taipas, antigos jardins e vestígios de antigas construções além das ruínas do moinho, represa e castelo do aqueduto.

Normas:

- o ingresso a estas áreas deve ser de tal forma que evite os danos ao patrimônio histórico;
- fica proibida a retirada de materiais vinculados ao patrimônio histórico, principalmente as rochas que formam as taipas ao longo do Parque;
- a forma de visitação a estes locais deve ser avaliada para manter a originalidade;
- deve-se proporcionar material gráfico e painéis didáticos para aproximar o visitante do contexto histórico.

6) Zona Extensiva

É aquela com baixo impacto ambiental e com características próximas a uma Zona Primitiva. Pode-se utilizá-la para fins educacionais, mas sem danos ao meio.

Objetivo:

- Manutenção de um ambiente natural com mínimo impacto humano, apesar de oferecer acesso e facilidade ao público para fins educativos e recreativos.

Descrição:

Compreende a mata que costeia o limite sul do Parque, iniciando na portaria e finalizando no banhado. Apresenta infra-estrutura para piquenique.

Normas:

- não será permitida atividade recreativa que seja conflitante com os objetivos desta zona;
- o lixo produzido por visitantes deverá ser recolhido semanalmente;
- o sistema de trilhas deve possibilitar o passeio apenas nos locais destinados a visitação;
- é proibido fazer fogueiras fora das churrasqueiras.

Criação do Parque e Confrontações legais

Em 05 de Outubro de 1971, no Palácio Piratini na cidade de Porto Alegre, reuniram-se integrantes da Assembléia Geral com a finalidade específica de determinar o valor das terras e benfeitorias que constituem o Parque Estadual do Caracol. Imóvel pertencente ao Estado do Rio Grande do Sul, que é incorporado pelo mesmo ao capital social da COMPANHIA RIOGRANDENSE DE TURISMO, em constituição, a título de integralização parcial das ações por ele subscrita, nos termos dos Artigos 5º e 45º do Decreto Lei nº2627/41.

Pelo Decreto nº 3807 de 15 de Dezembro de 1954, foi declarada de utilidade pública uma área de 25,10 há pertencente a PEDRO DA SILVA NUNES, a qual está subscrita no Diário Oficial nº 135, página 02 de 23 de Dezembro de 1971. Da mesma forma, outra área de terras foi incorporada aos próprios do Estado por escritura

pública de desapropriação, lavrada em 29 de Abril de 1958, tendo como expropriados ERICH ROSENFELD e sua esposa.

O GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, no uso de atribuição que lhe confere o artigo 66, item IV, da Constituição do Estado, e tendo em vista o que dispõe os Decretos Federais nº3365, de 21 de Junho de 1941 e nº 22576 de 01 de Agosto de 1973 declara de utilidade pública, para fins de desapropriação, duas áreas de terras, situadas no município de Canela e destinadas à criação do COMPLEXO TURÍSTICO DO PARQUE ESTADUAL DO CARACOL.

Localização

O Parque Estadual do Caracol está localizado no município de Canela, distando 7 km do centro da cidade. O acesso é feito através da rodovia RS-466 que liga o trevo da estrada Canela-Gramado ao pórtico do Parque. Situa-se na Encosta Superior do Nordeste, entre as coordenadas 29°10'S e 50°50'W a uma altitude média de 760 metros acima do nível do mar.

A mesma rodovia que chega ao Parque encontra-se o Parque Municipal do Pinheiro Grosso, o Parque Temático do Castelinho e seguindo em direção norte chega-se ao Parque da Floresta Encantada e Parque da Ferradura. Desta estrada também se pode chegar a Floresta Nacional do IBAMA.

Fatores Biofísicos

Clima

O Rio Grande do Sul situa-se numa posição geográfica e latitudinal – o paralelo 30° s – que corresponde à transição entre a zona Tropical e a zona Temperada. O clima da região do Parque é do tipo mesotérmico com chuvas bem distribuídas durante todo o ano, sem meses marcadamente secos. Na classificação de Köppen. O clima corresponde ao tipo Cfa, com temperaturas médias das máximas superiores a 22°C e a média das mínimas variando entre -3°C e 18°C.

É freqüente a ocorrência de geadas nos meses de Maio a Agosto, sendo que a neve é um fenômeno eventual de ocorrência nos meses mais frios. Existe registro de sendo -7°C a temperatura mais baixa no ano de 1994. A região do Parque é influenciada pela altitude e pelo relevo, sendo o vale do arroio Caracol a formação mais conspícua. Os ventos predominantes são do quadrante norte, no verão, e do sudoeste no outono, inverno e primavera. A precipitação pluviométrica em 1997 foi de 1068,7mm, em 1998 2040,2mm e 1999 1632,5mm.

Geologia

Durante a Era Mesozóica, no hemisfério sul, o antigo continente Gondwana (conjunto formado pela América do Sul, África, Austrália, Antártida e Índia) sofreu atividades vulcânicas muito interessantes. Assim, a evolução do relevo sul brasileiro se deu sob condições de acentuada continentalidade, chegando aos ambientes desérticos, o que desencadeou a vaga de erosão responsável pela formação do arenito Botucatu (nossa conhecida pedra de areia foi na realidade parte de antigas dunas que cobriam o estado a milhões de anos atrás e, que após mudar o clima do RS, estas dunas sob pressão se compactaram e se sedimentaram) hoje visível na região de Taquara. Seguido de intenso vulcanismo e acomodações da crosta, ocorreram treze derrames de lava (este processo levou dentre 10 a 15 milhões de anos para encerrar) oriundos de fendas abertas no solo próximas a Mato Grosso. Esta lava com até 1200°C veio "escorrendo" até o norte do nosso estado formando um empilhamento que é bem nítido no Parque da Serra Geral, em Cambará do Sul (os 13 derrames). Foi um mega evento que recobriu cerca de 1.200.000 Km² da Bacia do Paraná formando o Planalto do Rio Grande do Sul.

De acordo com Vieira (1984), a evolução dos processos morfogeométricos em estrutura basáltica (rocha da região originada por processos vulcânicos) cria várias formas típicas de relevo de crostas, com a frente escarpada em patamares e coberta por florestas. Os deslizamentos nessas frentes abruptas deslocam a cobertura vegetal deixando amostra às rochas e nos pés destas escarpas deposita-se formando um local inclinado. Próximos aos declives devido à maior ação das águas de escoamento, a superfície da rocha sofre com o intemperismo (erosão), alterando quimicamente e fragilizando sua estrutura.

A mais ou menos 130 milhões de anos, não existia o Vale da Lajeana, mas sim uma superfície única a qual o antigo Arroio Caracol percorria já descrevendo um curso deixado pela inclinação da rocha. Com o passar do tempo, a força da água foi escavando esta rocha aprofundando o arroio (hoje ele está a 200m em relação ao mirante) e iniciando o processo de vale, ou seja, as bordas foram caindo e se afastando e o que hoje vemos, é fruto desta erosão. Ainda continua este processo de alargamento e aprofundamento do vale, deixando a casinha do teleférico, o mirante, a escadaria e o Observatório Ecológico em uma zona de risco (local de desabamentos). Frequentemente os temporais provocam fortes trovões que por sua vez emitem vibrações sonoras que fazem tremer estruturas muito sólidas. É possível sentir tais vibrações e estas poder desprender rochas nos paredões contribuindo para o alargamento do vale. Claro que tal processo é muito lento.

A cascata em si apresenta duas camadas de derrame bem nítidas:

- a) A que forma a parte superior (acima da concavidade) com granulação afanítica (os cristais são microscópicos não sendo vistos a olho nu), mais sólida e feições facetadas e trincadas as quais permite a percolação da água dando uma cor escura à rocha (a cor alaranjada se refere aos líquens e a reação do sol). Tal formação se deve pelo fato da camada de lava resfriar rapidamente.

b) A rocha que forma a concavidade apresenta uma constituição mais grosseira com a presença de grandes amígdalas (são conjuntos de cristais que preenchem uma cavidade) e vesículas (são buracos vazios com cristais nas paredes) contendo zeolitas e quartzo. Apresenta também uma coloração mais avermelhada devido à maior presença de óxido de ferro e pelo tempo maior para esfriar. Por tais razões, a água agindo quimicamente nesta camada contribuiu para a formação desta falsa “caverna”.

Ambas as camadas são de Riodacito (está dentro do grupo dos Basaltos) uma rocha ácida do grupo das ígneas efusivas (diz-se quando a rocha se forma fora da crosta). Entre um derrame e outro, encontra-se uma rocha já deteriorada parecendo argilosa, o que vem de encontro com a demora da chegada do derrame superior, já que houve tempo para sua degradação. Durante o resfriamento do derrame, bolhas de gases foram sendo liberadas do magma, formando vesículas e amígdalas, onde mais tarde cristalizaram e formaram associações de quartzo, zeolitas e ametistas.

É possível observar também a incidência solar na face sul contendo pouca vegetação ao contrário da face norte a qual mantém por mais tempo a umidade nas fendas.

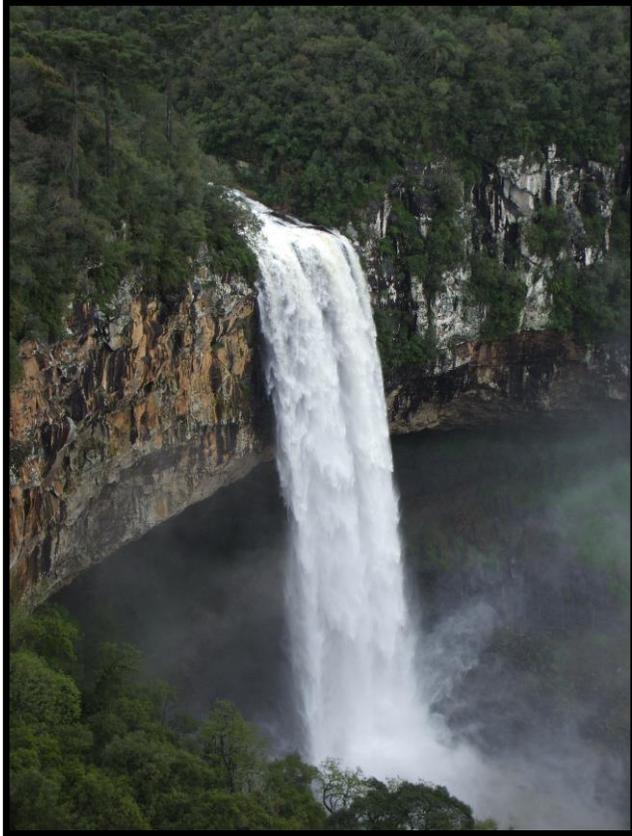
Os solos da região do Parque estão no grupo São Bento, formação Serra Geral, sendo do tipo Litólico com textura média e substrato o riodacito. A transformação de matéria orgânica, por ação bacteriana, dá curso a um intenso processo de mineralização, enquanto que os elementos que se mantêm como matéria orgânica vão formar colóides orgânicos.



Infiltrações da água da chuva (em preto) além das fissuras provocadas pelo resfriamento.



Rocha com amígdalas



Camada superior mais resistente que a da formação da concavidade. O lado direito da queda possui mais vegetação devido ao pouco tempo de insolação durante as horas do dia.

Aprofundamento do derrame superior, mesmo processo de formação do Vale da Lajeana.



Existe aqui uma grande rachadura (diacrise) aonde a água vai aos poucos infiltrando.

Vegetação

O Parque está no Bioma da Mata Atlântica, formação da Ombrófila Mista, também denominada Araucária. A composição florística caracteriza-se pelo

inserido
Floresta
sendo
Mata de

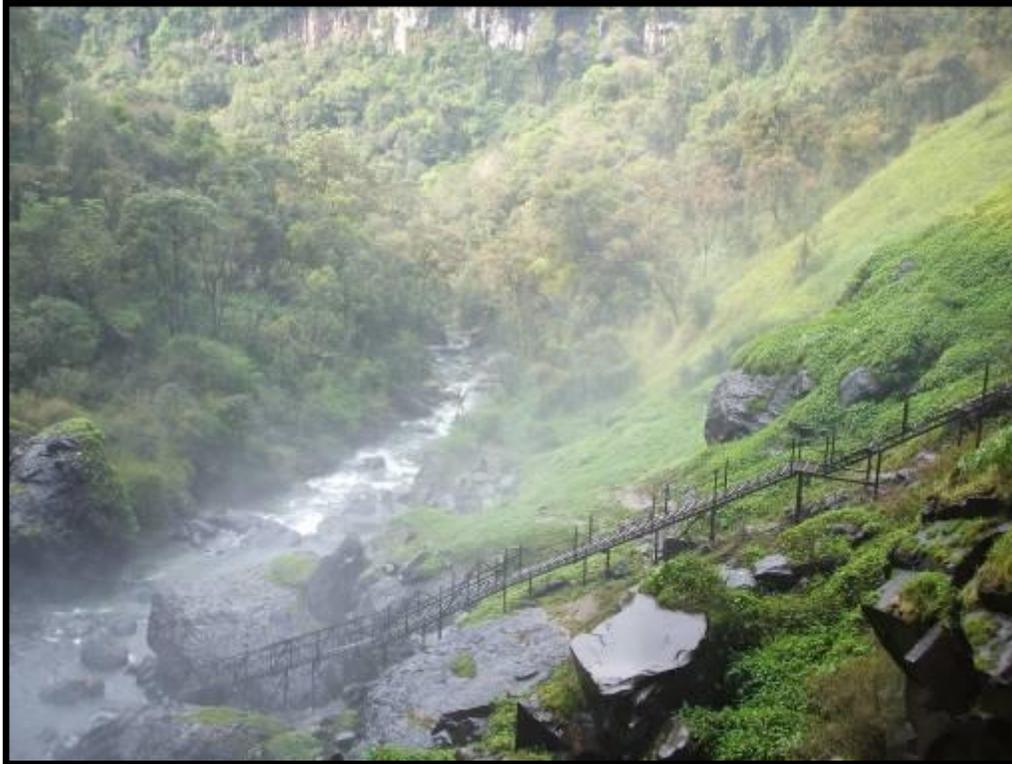
dossel (parte superior da mata) com predominância da *Araucaria angustifolia*, tendo

como formação básica o tipo Montana. O subosque é formado principalmente pelo Pinho-Bravo (*Podocarpus lambertii*), Bugre (*Lithraea brasiliensis*), Canela-fogo (*Cryptocaria aschersoniana*) e Cocão (*Erythroxylum deciduum*). O estrato herbáceo se constitui por gramíneas, Melastomatáceas (*Miconia*, *Leander*), Pteridófitas, Meliáceas (*Trichilia*) e cipós (*Calea*, *Smilax*, *Mikania*, *Solanum*).

Sendo uma área remanescente de atividades agrícolas, pastoris e madeireiras, a floresta se apresenta quase que na totalidade da área como Mata Secundárias tardias, entrecortadas com áreas em recuperação e Mata Primária a qual se localiza abaixo do mirante e em torno da escadaria. Existe um ecótono nesta parte do Parque, ou seja, a Mata de Araucária converge com a Floresta Decidual Estacional no fundo do vale trazendo espécies típicas deste ecossistema como o Catiguá-vermelho (*Trichilia clausenii*) e o Cincho (*Sorocea bonplandii*).

Dentro deste contexto, o Parque apresenta áreas com cobertura vegetal específicas, sendo elas:

- 1- Gramados: distribuídos pelas áreas de lazer e piquenique, ocupam praticamente toda a área permitida para a visita. A vegetação é constantemente cortada mantendo um paisagismo condizente com o lugar, sendo o Capim-forquilha (*Paspalum notanum*) muito comum.
- 2- Campo nativo com afloramento rochoso: localizado na área do antigo camping e formado pelo Capim-caninha (*Andropogon lateralis*), Vassoura-preta (*Baccharis dracunculifolia*) e outras gramíneas, representa um excelente refúgio para animais (Veado e a Preá). Na rocha encontram-se Verbenáceas (*Verbena*), Solanáceas (Petúnia), Iridáceas e outras plantas que toleram o calor do verão e a constante umidade do inverno.
- 3- Mata Exótica: localizada ao longo do Arroio Caracol, nas imediações da composteira. Predomina o Cáqui-cavalo (*Dyospiros*) e Cerca-viva (*Ligustrum* sp)
- 4- Mata Nativa: representa 85% das áreas do Parque em estágio sucessional secundário na grande maioria. Na parte central do Parque a vegetação arbórea é do tipo Parque, ou seja, não existe estrato herbáceo e intermediário e as árvores estão distribuídas isoladamente ou em pequenos grupos.
- 5- Banhado: já alterado, se concentra próximo ao poço artesiano, ao sul. Importante para o refúgio da fauna e de certas espécies de plantas como o *Sphagnum*.
- 6- Poço da Cascata: o entorno do poço é formado por uma vegetação de folhosas as quais revestem uma grande área de rochas e as bases da escarpa. Sob condições extremas de vento, água, calor e frio a cobertura vegetal assume características distintas durante as quatro estações. É constituída principalmente por begoniáceas, pariparobas (*Piper superbum*), briófitas, pteridófitas, Maria-sem-vergonha (*Impatiens* sp), Marantáceas e outras. Existe uma espécie de Lírio que segundo consta no Projeto Rondon, é endêmico daquele local.
- 7- O Arroio Caracol: acima da represa existe um local onde se desenvolve uma vegetação do tipo banhado com capim-tiririca em grande quantidade.



Devido ao microclima (constante umidade e ventos com até 100Km/h), as plantas não ultrapassam 60cm de altura. Observa-se que as faces das rochas voltadas para a queda, o vento e os borrifos impedem a fixação da vegetação.

Representantes da Flora e Fungos no Parque_____

Família	Nome popular	Nome científico
Aceraceae	Ácer	<i>Acer palmatum</i>
Anacardiaceae	Aroeira-branca	<i>Schinus polygamus</i>
	Aroeira-mansa	<i>Schinus terbinthifolius</i>
	Pau-de-bugre	<i>Lithraea brasiliensis</i>
Annonaceae	Araticum-do-mato	<i>Rollinia rugulosa</i>
	Araticum-amarelo	<i>Rollinia silvatica</i>
Apocynaceae	Pequiá (Guatambu)	<i>Aspidosperma australe</i>
Aquifoliaceae	Caúna-da-serra	<i>Ilex brevicuspis</i>
	Cauninha	<i>Ilex dumosa</i>
	Erva-mate	<i>Ilex paraguariensis</i>
Araliaceae	Hera	<i>Hedera canariensis</i>
Araucariaceae	Araucária	<i>Araucaria angustifolia</i>
Acanthaceae	Justícia	<i>Justicia carneae</i>
	Farroupilha	<i>Justicia rizzinii</i>
Asclepiadaceae	Erva-de-rato	<i>Asclepias curassavica</i>
Amaranthaceae	Erva-de-jacaré	<i>Alternanthera philoxeroides</i>
	Pluma	<i>Iresine diffusa</i>
Amaryllidaceae	Lírio	<i>Amaryllus sp</i>
	Lírio-vermelho-do-chão	<i>Rhodophiala sp</i>
	Pita	<i>Agave americana</i>
Balanophoraceae	Parasita-de-raízes	<i>Helosis cayannensis</i>
Balsaminiaceae	Maria-sem-vergonha	<i>Ipatiens walleriana</i>
Bignoniaceae	Cipó-pente-de-macaco	<i>Pithecoctenium echinatum</i>
	Ipê-ouro	<i>Tabebuia alba</i>
	Ipê-amarelo	<i>Tabebuia umbellata</i>
	Cipó-unha-de-gato	<i>Macfadiena-unguis-catti</i>
	Cipó-sino	<i>Bigninia difficilis</i>
	Cipó-São-João	<i>Pyrostegia venusta</i>
Begoniaceae	Begônia	<i>Begonia cucullata</i>
	Begônia rupícola	<i>Begonia sp</i>
	Begônia alta	<i>Begonia sp</i>
	Canela-de-bugio	<i>Begonia semperflorens</i>
Bromeliaceae	Bromélia (folha espinhenta)	<i>Acmea recurvata</i>
	Bromélia (folha serrilhada)	<i>Acmea sp</i>
	Bromélia	<i>Vriesea sp</i>
	Bilbérgia	<i>Bilbergia nutans</i>
	Cravo-do-mato	<i>Tillandsia dianthoidea</i>
	Barba-de-pau	<i>Tillandsia usneoides</i>
	Gravatá-do-perau	<i>Dyckia maritima</i>
	Cravo-do-paredão	<i>Tillandsia sp</i>
Berberidaceae	Espinho-de-são-joão	<i>Berberis laurina</i>
Cactaceae	Rabo-de-rato	<i>Rhipsalis baccifera</i>
	Cactos-largo	<i>Rhipsalis sp</i>
	Cactos do paredão	<i>Notocactus sp</i>

Capparaceae	Mussambê	<i>Cleome hasseleriana</i>
Caprifoliaceae	Madressilva	<i>Lonicera japonica</i>
Caryophyllaceae	Esparguta	<i>Stellaria media</i>
Commelinaceae	Trapoeraba	<i>Commelina virginica</i>
	Capim-gomoso	<i>Commelina difusa</i>
	Trapoeraba-roxa	<i>Tradescantia zebrina</i>
Celastraceae	Espinheira-santa	<i>Maytenus ilicifolia</i>
Crassulaceae	Bálsamo	<i>Sedum dendroideum</i>
Cyperaceae	Tiririca-pinheirinho	<i>Cyperus meyenianus</i>
	Tiririca-de-clava	<i>Cyperus sesquiflorus</i>
	Capim-navalha	<i>Rhynchospora corymbosa</i>
	Tiriricão-do-brejo	<i>Fuirena umbellata</i>
Compositae (Aster)	Guaco	<i>Mikania officinalis</i>
	Sucará	<i>Dasyphyllum tomentosum</i>
	Vassoura-preta	<i>Baccharis dracunculifolia</i>
	Vassoura-branca	<i>Baccharis unicella</i>
	Vassourão-preto	<i>Vernonia discolor</i>
	Vassourão-branco	<i>Piptocarpha angustifolia</i>
	Carqueja	<i>Baccharis trimera</i>
	Carqueja-folha-fina	<i>Baccharis articulata</i>
	Quebra-tudo	<i>Calea pinnatifida</i>
	Maria-mole	<i>Senecio brasiliensis</i>
	Margarida-do-banhado	<i>Senecio bonariensis</i>
	Capitão-do-mato	<i>Musticia sp</i>
	Falso-cambará	<i>Eupatorium laevigatum</i>
	Falso-cambará	<i>Eupatorium sp</i>
	Assa-peixe	<i>Vernonia polyenthes</i>
	Capiçaba	<i>Erechtites valerianaefolia</i>
	Falsa-macela	<i>Gaudichadianum sp</i>
	Botão-de-ouro	<i>Synedrella nodiflora</i>
	Flecha	<i>Solidago chilensis</i>
	Macio	<i>Gnaphalium leucocephalum</i>
	Macela-branca	<i>Gnaphalium spicatum</i>
	Dente-de-leão	<i>Taraxacum officinale</i>
	Cambará	<i>Gochnatia polymorpha</i>
	Macela	<i>Achyrocline satueoides</i>
	Falso-guaco	<i>Mikania cordifolia</i>
	Cravo-de-defunto-macega	<i>Tagetes minuta</i>
	Cardo	<i>Cirsium vulgare</i>
	Quitoco	<i>Pluchea sagittalis</i>
	Serralha	<i>Sonchus oleraceus</i>
	Arnica	<i>Chaptalia nutans</i>
	Erva-de-colégio	<i>Elephantopus mollis</i>
	Carrapicho-grande	<i>Arctium minus</i>
	Picão-preto	<i>Bidens pilosa</i>

	Botão-de-ouro	<i>Galinsonga parviflora</i>
	Almeirão	<i>Hypochoeris radicata</i>
	Roseta	<i>Soliva pterosperma</i>
	Dinheiro-em-penca	<i>Dichondra microcalix</i>
Convolvulaceae	Ipomea-branca	<i>Ipomea alba</i>
	Ipomea-roxa	<i>Ipomea purpurea</i>
Cruciferae	Menstruz	<i>Coronopus didymus</i>
Cucurbitaceae	Taiuiá	<i>Cayaponia martiana</i>
Cunoniaceae	Guaperê	<i>Lamanonia speciosa</i>
Cupressaceae	Cipreste	<i>Cupressus lusitanica</i>
Elaeocarpaceae	Carrapicho	<i>Sloanea monospermae</i>
Ericaceae	Azaléia	<i>Rhododendron simsii</i>
Erythroxylaceae	Cocão	<i>Erythroxylum deciduum</i>
	Embira	<i>Daphnopsis fasciculata</i>
Euphorbiaceae	Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i>
	Leiteiro	<i>Sapium glandulatum</i>
	Leiterinho	<i>Sebastiania brasiliensis</i>
	Branquilha	<i>Sebastiania klotzchiana</i>
	Sarandi	<i>Sebastiania schottiana</i>
Flacoutiaceae	Guaçatunga	<i>Casearia decandra</i>
	Sucará-pinheirinho	<i>Xylosma pseudosalzmanii</i>
Fumariaceae	Fumaria	<i>Fumaria officinalis</i>
Gesneriaceae	Dama-do-abismo	<i>Reichsteineria ramboi</i>
	Dama-do-abismo-roxa	<i>Reichsteineria</i>
Guttifera	Erva tipo eucalipto	<i>Hypericum caprifoliatum</i>
Poaceae (Gram.)	Capim-do-pampa	<i>Cortaderia selloana</i>
	Capim-forquilha	<i>Paspalum notarum</i>
	Capim-caninha	<i>Andropogon lateralis</i>
	Capim-rabo-de-burro	<i>Andropogon bicornis</i>
	Gramma-missioneira	<i>Axonopus compressus</i>
	Capim-névoa	<i>Eragrostis airoides</i>
	Capim-capivara	<i>Hymenachne amplexicaulis</i>
	Gramma-boiadeira	<i>Leersia hexandra</i>
	Capim-treme-treme	<i>Briza minor</i>
Haloragaceae	Pinheiro-d'água	<i>Myriophyllum aquaticum</i>
Iridaceae	Tritônia	<i>Crocasmia x crocosmiiflora</i>
	Cebolinha	<i>Sisyrinchium laxum</i>
	Bibi	<i>Morae aphylla</i>
Juncaceae	Junco	<i>Juncus acutus</i>
Jungladaceae	Nós-pecã	<i>Carya illinoensis</i>
Lorantaceae	Erva-de-passarinho-miúda	<i>Phoradendron affine</i>
	Erva-de-passarinho	<i>Tripodantus acutifolius</i>
Loganiaceae	Erva	<i>Buddleja sp</i>
Labiatae	Alfavaca	<i>Ocimum micranthum</i>
	Erva	<i>Hyptis mutabilis</i>

	Hortelã	<i>Peltodon longipos</i>
	Erva-macaé	<i>Leonorus sibiricus</i>
Liliaceae	Japacanga	<i>Smilax aspera</i>
	Salsaparrilha	<i>Smilax officinalis</i>
	Lírio-regalo	<i>Lilium regale</i>
	luca	<i>Yucca elephantipes</i>
Lauraceae	Canela-preta	<i>Nectandra megapotamica</i>
	Canela-amarela	<i>Nectandra lanceolata</i>
	Canela-sebo	<i>Ocotea puberula</i>
	Canela-lajeana	<i>Ocotea pulchella</i>
	Canela-fogo	<i>Cryptocaria aschersoniana</i>
	Canela-da-indonésia	<i>Cinnamomum burmanni</i>
Lytraceae	Erva	<i>Cuphea cathagenensis</i>
Leguminosa:Caesa	Pata-de-vaca	<i>Bauhinia forficata</i>
	Cipó-escada-de-macaco	<i>Bauhinia langsdorffiana</i>
	Fedegoso	<i>Senna sp</i>
Faboideae	Corticeira-da-serra	<i>Erythrina falcata</i>
	Corticeira-do-banhado	<i>Erythrina crista-galli</i>
	Natália-vermelha	<i>Sesbania marginata</i>
	Chora	<i>Lonchocarpus muehlbergianus</i>
	Cipó-rabo-de-macaco	<i>Dalbergia variabilis</i>
	Fava-em-rama	<i>Canavalia bonariensis</i>
	Trevo-branco	<i>Trifolium rapens</i>
	Trevo-vermelho	<i>Trifolium riograndensis</i>
	Glicínia	<i>Wistaria floribunda</i>
Mimosoideae	Ingá	<i>Inga uruguensis</i>
	Bracatinga	<i>Mimosa scabrella</i>
	Dorme-dorme	<i>Mimosa pululifera</i>
	Calliandra	<i>Calliandra brevipes</i>
	Angico	<i>Parapiptadenia rigida</i>
	Carrapicho	<i>Desmodium canum</i>
	Cipó-vamo-junto-redondo	<i>Acacia plumosa</i>
	Cipó-vamo-junto-longo	<i>Acacia bonariensis</i>
Magnoliaceae	Magnólia-roxa	<i>Magnolia liliflora</i>
Meliaceae	Pau-de-ervilha	<i>Trichilia elegans</i>
	Catiguá	<i>Trichilia clausseni</i>
	Cedro	<i>Cedrella fissilis</i>
	Cinamomo	<i>Melia azedarach</i>
Myrsiniaceae	Capororoca-folha-larga	<i>Myrsine umbellata</i>
	Capororoca-folha-miúda	<i>Myrsine ferruginea</i>
Malvaceae	Guanxuma	<i>Sida cordifolia</i>
	Guanxuma	<i>Sida apinosa</i>
	Lanterna-japonesa	<i>Abutilon megapotamicum</i>
Melastomataceae	Pixiricão	<i>Miconia hyemalis</i>
	Pixirica	<i>Leandra australis</i>

	Quaresmeira-rasteira	<i>Schizocentron elegans</i>
	Pixirica-branca	<i>Miconia ligustroides</i>
Myrtaceae	Uvaia	<i>Eugenia pyriformis</i>
	Goiaba-serrana	<i>Acca sellowiana</i>
	Guabiju	<i>Myrcianthes pungens</i>
	Guamirim	<i>Gomidesia palustris</i>
	Guamirim-araçá	<i>Gomidesia schaveriana</i>
	Guamirim-ferro	<i>Myrsia kauseliana</i>
	Araçá	<i>Psidium cattleyanum</i>
	Cambuim	<i>Myrcia lajeana</i>
	Cambuim	<i>Caliptrantes australis</i>
	Araçazeiro-do-mato	<i>Myrcianthes gigantea</i>
	Guabirobeira	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>
	Carrapato	<i>Myrrhinium loranthoides</i>
	Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i>
	Murta	<i>Blepharocalix salicifolius</i>
	Cerejeira	<i>Eugenia involucrata</i>
	Eucalipto-cinzento	<i>Eucalyptus cinerea</i>
Moraceae	Cincho	<i>Sorocea bonplandii</i>
	Figueira-brava	<i>Ficus monckii</i>
	Amoreira	<i>Morus nigra</i>
Monimiaceae	Gema-de-ovo	<i>Hennecartia ophalandra</i>
Oleaceae	Ligustro	<i>Ligustrum japonicum</i>
	Cerca-viva	<i>Ligustrum sinense</i>
Onagraceae	Brinco-de-princesa	<i>Fuchsia regia</i>
	Cruz-de-malta	<i>Ludwigia longifolius</i>
	Minuana	<i>Oenothera affinis</i>
Orchidaceae	Orquídea-amarela	<i>Oncidium concolor</i>
	Orquídea-amarela	<i>Oncidium schadei</i>
	Orquídea-micro-vermelinho	<i>Pleurothallis sp</i>
	Orquídea-flor-marrom	<i>Dichaea sp</i>
	Orquídea-pinheiro-inclinado	<i>Maxillaria rupestres</i>
	Orquídea-flor-na-folha-amar.	<i>Octomeria alpina</i>
	Orquídea-flor-folha -marrom	<i>Octomeria sp</i>
	Micro-orquídea	<i>Capanemis sp</i>
	Orquídea-galho-pinheiro	<i>Campylocentrum sp</i>
	Orquídea-terrestre-rosa	<i>Sacoila lanceolata</i>
	Orquídea-terrestre-telhado	<i>Sanoglossum sp</i>
	Orquídea-das-pedras	<i>Dendrobium sp</i>
Oxalidaceae	Trevinho-amarelo	<i>Oxalis corniculata</i>
	Azedinha	<i>Oxalis corymbosa</i>
	Azedinha-folha-reta	<i>Oxalis latifolia</i>
Palmaceae	Jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>
Passifloraceae	Maracujá	<i>Passiflora caerulea</i>
	Maracujá	<i>Passiflora suberosa</i>

Piperaceae	Pariparoba	<i>Piper superbum</i>
	Peperômia	<i>Peperomia sp</i>
	Peperômia	<i>Peperomia arechavaletae</i>
	Pimenteira	<i>Piper gaudichaudianum</i>
Picramniaceae	Cedrinho	<i>Picrnia parvifolia</i>
Plantaginaceae	Transagem	<i>Plantago tomentosa</i>
Platanaceae	Plátano	<i>Platanus acerifolia</i>
Podocarpaceae	Pinho-bravo	<i>Podocarpus lambertii</i>
Podostemaceae	Musgo-da-corredeira	<i>Tristichia sp</i>
Polygonaceae	Erva-de-bicho	<i>Polygonum acre</i>
	Línhuia-de-vaca	<i>Rumex obtusifolius</i>
Pontederiaceae	Hortelã-do-brejo	<i>Heteranthera reniformis</i>
Proteaceae	Carvalho-brasileiro	<i>Roupala brasiliensis</i>
	Grevílea	<i>Grevillea robusta</i>
Portulacaceae	Capitão-gomes	<i>Talinum patens</i>
	Beldroega	<i>Portulaca oleraceae</i>
Phytholacaceae	Umbú	<i>Phytolacca dioica</i>
Rosaceae	Pau-sabão	<i>Quillaja brasiliensis</i>
	Marmelo-do-japão	<i>Chaenomeles speciosa</i>
	Framboeza-branca	<i>Rubus sp</i>
	Framboeza-preta	<i>Rubus sellowii</i>
	Moranginho-do-mato	<i>Duchesnea indica</i>
	Pessegueiro-bravo	<i>Prunus sellowii</i>
	Prunos	<i>Prunus sp</i>
	Carrapicho-bolinha	<i>Acaena eupatoria</i>
	Cotoneaster	<i>Cotoneaster francheti</i>
	Buquê-de-noiva	<i>Spiraea cantoniensis</i>
	Marmeleiro	<i>Cydonia oblonga</i>
Rhamnaceae	Coronilha	<i>Scutia buxifolia</i>
	Uva-do-japão	<i>Hovenia dulcis</i>
Ranunculaceae	Barba-branca	<i>Clematis dioica</i>
Rubiaceae	Erva-de-rato	<i>Psycotria sp</i>
	Poaia	<i>Boreria alata</i>
	Poaia	<i>Richardia brasiliensis</i>
	Erva	<i>Coccocypselum reitzil</i>
	Cipozinho-fruto-vermelho	<i>Galium hypocarpium</i>
	Cipó-flor-tubular-farroupilha	<i>Manettia pubescens</i>
	Jasmim-do-cabo	<i>Gardênia jasminoides</i>
Rutaceae	Mamica-de-cadela	<i>Fagara rhoifolia</i>
	Contrilho	<i>Fagara hyemalis</i>
	Cutia	<i>Pilocarpus pennatifolius</i>
Salicaceae	Álamo	<i>Populus nigra</i>
Scrophulariaceae	Escrofulária	<i>Scrophularia auriculata</i>
	Quiri	<i>Paulownia fortunei</i>
Styracaceae	Carne-de-vaca	<i>Styrax leprosus</i>

Symplocaceae	Pau-de-canga	<i>Symplocos uniflora</i>
Saxifragaceae	Canudo-de-pito	<i>Escallonia montevidensis</i>
	Saxifraga	<i>Saxifraga sp.</i>
	Hortênsia	<i>Hydrangea macrophylla</i>
Solanaceae	Fumo bravo	<i>Solanum eryanthum</i>
	Manacá	<i>Brunfelsia uniflora</i>
	Coerana	<i>Cestrum sp</i>
	Petúnia-do-campo	<i>Petunia iritegrifolium</i>
	Joá	<i>Solanum sisymbriifolium</i>
	Parrerinha-do-mato	<i>Solanum boerhaviifolium</i>
	Maria-pretinha	<i>Solanum americanum</i>
	Baga-de-veado	<i>Cyphomandra corymbiflora</i>
	Mata-cavalo (tomatinho)	<i>Solanum diflorum</i>
	Tarumã-de-espinho	<i>Vassobia sp</i>
Sapindaceae	Chal-chal	<i>Allophylus edulis</i>
	Camboatá-vermelho	<i>Cupania vernalis</i>
	Camboatá-branco	<i>Matayba elaeagnoides</i>
Taxodiaceae	Pinheiro-alemão	<i>Cunninghamia lanceolata</i>
Theaceae	Camélia	<i>Camelia japonica</i>
	Santa-rita	<i>Laplaceae fruticosa</i>
Thymelaeaceae	Embira	<i>Daphnopsis racemosa</i>
Tiliaceae	Açoita-cavalo	<i>Luehea divaricata</i>
Ulmaceae	Sariá	<i>Celtis tala</i>
Urticaceae	Urtigão	<i>Urera baccifera</i>
	Pimenta	<i>Piper sp</i>
Umbelliferae	Salsa-brava	<i>Ammi majus</i>
	Aipo-do-mato	<i>Apium leptophyllum</i>
	Gravatá	<i>Eryngium horridum</i>
	Erva-capitão	<i>Hydrocotyle bonariensis</i>
	Erva-salsa	<i>Bowlesia incana</i>
	Pé-de-cavalo	<i>Centella asiatica</i>
Verbenaceae	Cambará	<i>Lantana camara</i>
	Cambará-miúdo	<i>Lantana fucata</i>
	Tarumã	<i>Vitex megapotamica</i>
	Verbena-do-campo	<i>Glandularia tenuisecta</i>
	Verbena-ereta	<i>Verbena bonariensis</i>
Vitaceae	Cipó-anil	<i>Cissus cicyoides</i>
Violaceae	Poaia	<i>Hybanthus parviflorus</i>
Typhaceae	Taboa	<i>Typha angustifolia</i>
Pteridophita		
Aspleniaceae	Samambaia	<i>Asplenium divergens</i>
		<i>Asplenium ptopus</i>
		<i>Asplenium raddianum</i>
Blechnaceae	Xaxim-do-banhado	<i>Blechnum glandulosum</i>
		<i>Blechnum brasiliensis</i>

		<i>Blechnum unilaterale</i>
		<i>Blechnum meridense</i>
Denstaetiaceae	Samambaia-das-taperas	<i>Pteridium aquilinum</i>
Dicksoniaceae	Xaxim	<i>Dicksonia sellowiana</i>
Driopteridaceae		<i>Ctenitis sp</i>
		<i>Ctenitis submarginalis</i>
		<i>Rumohra adiantiforme</i>
Hymenophyllaceae		<i>Hymenophyllum plyanthos</i>
Lycopodiaceae	Licopódio	<i>Lycopodium clavatum</i>
		<i>Lycopodium thyoides</i>
		<i>Lycopodium cedunn</i>
Osmundaceae	Osmunda	<i>Osmunda palustris</i>
Polypodiaceae		<i>Polypodium hirssutissimum</i>
		<i>Polypodium fificula</i>
		<i>Polypodium gregale</i>
		<i>Polypodium paradisiae</i>
		<i>Microgramma squamulosa</i>
		<i>Pleotis macrocarpa</i>
		<i>Campyloneurum repens</i>
		<i>Campyloneurum lucidum</i>
		<i>Niphidium crassifolium</i>
Pteridaceae		<i>Pteris sp</i>
Pteridaceae		<i>Adiantopsis chlorophylla</i>
		<i>Doryopteris sp</i>
		<i>Adiantum sp</i>
Schyzaeaceae		<i>Anemia phylutidis</i>
		<i>Anemia anthriscifolia</i>
Selaginelaceae		<i>Selaginella sp</i>
Thelypteridaceae		<i>Thelypteris sp</i>
		<i>Thelypteris riograndensis</i>
		<i>Macrothelypteris sp</i>
Marchantiaceae		<i>Marchentia sp</i>
Sphagnaceae		<i>Sphagnum sp</i>
Briales		<i>Polytrichium commune</i>
		<i>Hypopterigyum sp</i>
		<i>Phyllogonium sp</i>
Líquenes		<i>Usnea sp</i>
		<i>Ramalina sp</i>
		<i>Cladonia sp</i>
		<i>Cora sp</i>
Fungos		<i>Schizophyllum sp</i>
		<i>Panus sp</i>
		<i>Coprinus sp</i>
		<i>Agaricus sp</i>

		<i>Amanita muscaria</i>
		<i>Pluteus sp</i>
		<i>Lactarius sp</i>
		<i>Gymnopilus sp</i>
		<i>Suillus sp</i>
		<i>Xylaria sp</i>
		<i>Polyporus sp</i>
		<i>Cyathus sp</i>
		<i>Lycoperdon sp</i>
		<i>Pleurotos sp</i>
	Orelha-de-pau	<i>Ganoderma sp</i>
	Orelha-de-judeu	<i>Auricularia sp</i>

Espécies da Fauna do Parque

Mamíferos

Família	Nome popular	Nome científico
Didelphidae	Gambá-de-orelha-branca	<i>Didelphis albiventris</i>
	Guaiquica	<i>Marmosa sp</i>
	Cuíca	<i>Philander opossum</i>
Myrmecophagidae	Tamanduá-mirim	<i>Tamandua tetradactyla</i>
Dasyopodidae	Tatu-mulita	<i>Dasyopus hybridus</i>
	Tatu-galinha	<i>Dasyopus novemcinctus</i>
Noctilionidae	Morcego-pescador	<i>Noctilio leporinus</i>
Phyllostomidae	Morcego-beija-flor	<i>Glossophaga soricina</i>
	Morcego-fruteiro	<i>Sturnira lilium</i>
Vespertilionidae	Morcego-borboleta-escuro	<i>Myotis nigricans</i>
Molossidae	Morceguinho-das-casas	<i>Tadarida brasiliensis</i>
Cebidae	Bugio	<i>Allouata fusca</i>
Canidae	Graxaim-do-mato	<i>Dusycion thous</i>
Procyonidae	Mão-pelada	<i>Procyon cancrivorus</i>
	Coati	<i>Nasua nasua</i>
Mustelidae	Furão	<i>Galactis cuja</i>
	Zorrilho	<i>Conepatus chinga</i>
	Irara	<i>Eira barbara</i>
	Lontra	<i>Lontra longicaulis</i>
Felide	Puma	<i>Felis concolor (Puma concolor)</i>
	Gato-do-mato-pequeno	<i>Felis tigrina (Leopardus tigrinus)</i>
Cervidae	Veado-mateiro	<i>Mazama gouazoubira</i>
	Veado-bororó	<i>Mazama rufina</i>
Cricetidae	Rato-do-mato	<i>Akodon sp</i>

	Rato-d'água	<i>Holichilus brasiliensis</i>
	Camundongo-do-mato	<i>Oryzomes sp</i>
	Rato-focinhudo	<i>Oximiterus sp</i>
Erethizontidae	Ouriço-caixeiro	<i>Coendou villosus</i>
Cavidae	Preá	<i>Cavia aperea</i>
Hydrochaeridae	Capivara	<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>
Dasyproctidae	Paca	<i>Agouti paca</i>
	Cutia	<i>Dasyprocta azarae</i>
Leporidae	Lebre	<i>Lepus capensis</i>
Sciuridae	Serelepe	<i>Sciurus aestuans</i>

Aves

Família	Nome popular	Nome científico
Tinamidae	Nhambu	<i>Crypturellus obsoletus</i>
	Jacu	<i>Penelope obscura</i>
Phalacrocoraxidae	Biguá	<i>Phalacrocorax olivaceus</i>
Threskiornithidae	Curicaca	<i>Theristicus caudatus</i>
	Corócoró	<i>Mesembrinibis cayennensis</i>
Ardeidae	Maria-faceira	<i>Syrigma sibilatrix</i>
	Socozinho	<i>Butorides striatus</i>
	Garça-branca-pequena	<i>Egretta thula</i>
	Garça-branca-grande	<i>Casmerodius albus</i>
Anatidae	Marreca-pardinha	<i>Anas flavirostris</i>
	Marreca-pé-vermelho	<i>Amazonetta brasiliensis</i>
Cathartidae	Urubu-cabeça-vermelha	<i>Cathartes aura</i>
	Urubu-cabeça-preta	<i>Coragyps atratus</i>
Accipitridae	Gavião-carijó	<i>Rupornis magnirostris</i>
	Águia-branca	<i>Buteo brachyurus</i>
	Gaviãozinho	<i>Accipiter striatus</i>
	Gavião-bombachinha-grande	<i>Accipiter bicolor</i>
Falconidae	Gavião-carrapateiro	<i>Milvago chimachima</i>
	Chimango	<i>Milvago chimango</i>
	Quiri-quiri	<i>Falco sparverius</i>
	Carácará	<i>Polybrotus plancus</i>
Rallidae	Saracura	<i>Aramides saracura</i>
	Frango-d'água	<i>Gallinula chloropus</i>
	Seriema	<i>Cariama cristata</i>
Jacaniidae	Jaçanã	<i>Jacana jacana</i>
Charadriidae	Quero-quero	<i>Vanellus chilensis</i>
Columbidae	Juriti-gemeadeira	<i>Leptotila rufaxila</i>
	Juriti-pupu	<i>Leptotila verreauxi</i>
	Pomba-asa-branca	<i>Columba picazuro</i>
	Rolinh-roxa	<i>Columbina talpacoti</i>

	Pariri	<i>Geotrygon montana</i>
Psittacidae	Tiriva	<i>Pyrrhura frontalis</i>
	Papagaio-peito-roxo	<i>Amazona vinacea</i>
	Papagaio-charão	<i>Amazona pretrei</i>
	Maitaca (cui-cui)	<i>Pionopsitta pileata</i>
	Sabiá-cica	<i>Triclaria malachitacea</i>
Cuculidae	Alma-de-gato	<i>Piaya cayana</i>
	Rabo-de-palha	<i>Guira guira</i>
	Anu-preto	<i>Crotophaga ani</i>
Caprimulgidae	Curiango	<i>Lurocalis semitorquatus</i>
	Bacurau-rabo-de-tesoura	<i>Hydropsalis brasiliana</i>
Apodidae	Andorinhão-da-cascata	<i>Cypseloides senex</i>
	Andorinhão-de-coleira	<i>Streptoprocne zonaris</i>
Trochilidae	Beija-flor-violeta	<i>Thalurania glaucopis</i>
	Beija-flor-bico-vermelho	<i>Chlorostilbon aureoventris</i>
	Beija-flor-papo-branco	<i>Leucochloris albicollis</i>
	Beija-flor-de-topete	<i>Stephanoxis lalandi</i>
Trogonidae	Surucuá	<i>Trogon surucura</i>
Alcedinidae	Martim-pescador-grande	<i>Ceryle torquata</i>
	Martim-pescador-médio	<i>Chloroceryle amazona</i>
	Martim-pescador-pequeno	<i>Chloroceryle americana</i>
Ramphastidae	Tucano-de-bico-verde	<i>Ramphastos dicolorus</i>
Picidae	Pica-pau-anão-carijó	<i>Picumnus nebulosus</i>
	Pica-pau-do-campo	<i>Colaptes campestris</i>
	Pica-pau-do-cinamomo	<i>Piculus aurulentus</i>
	Pica-pau-de-penacho	<i>Celeus flavescens</i>
	Pica-pau-verde-barrado	<i>Vernilornis spilogaster</i>
Dendrocolaptidae	Arapaçu	<i>Dendrocolaptes platirostris</i>
	Arapaçu-escamado	<i>Lepidocolaptes squamatus</i>
Conopophagidae	Chupa-dente	<i>Conopophaga lineata</i>
Furnaridae	João-porca	<i>Lochmias nematura</i>
	Bico-virado-carijó	<i>Xenops rutilans</i>
	Grinfeiro	<i>Leptastenura setaria</i>
	Grinfeiro-marrom	<i>Leptastenura platensis</i>
	Pichororé	<i>Synallaxis ruficapilla</i>
	Pijuí	<i>Synallaxis cinerascens</i>
	Curutié-oliváceo	<i>Cranioleuca obsoleta</i>
	Trepador-quiete	<i>Syndactyla rufosuperciliata</i>
	João-de-barro	<i>Furnarius rufus</i>
	Vira-folha	<i>Sclerurus scansor</i>
Stringidae	Caburé	<i>Glaucidium brasilianum</i>
	Coruja-do-mato	<i>Otus choliba</i>
Formicaridae	Brujarara	<i>Mackenziana leachii</i>
	Choca-da-mata	<i>Thamnophilus caerulescens</i>
	Matracão	<i>Batara cinerea</i>

	Tovaca	<i>Chamaeza ruficauda</i>
Tyrannidae	Maria-preta	<i>Knipolegus cyrirostris</i>
	Bem-te-vi	<i>Pitangus sulphuratus</i>
	Abre-asa-cabeça-cinza	<i>Mionectes rufiventris</i>
	Filipe	<i>Myophobus fasciatus</i>
	Borboletinha-do-mato	<i>Phyloscartes ventralis</i>
	Alegrinho	<i>Serpophaga subcristata</i>
	Risadinha	<i>Camptostoma obsoletum</i>
	Bem-te-vi-rajado	<i>Myodinastes maculatus</i>
	Tesourinha	<i>Muscivora tyrannus</i>
	Suiriri-cavaleiro	<i>Machetornis rixosus</i>
	Suiriri-pequeno	<i>Satrapa icterophrys</i>
	Príncipe	<i>Pyrocephalus rubinus</i>
	Caneleirinho-verde	<i>Pachyramphus viridis</i>
	Caneleiro-chapéu-preto	<i>Pachyramphus validus</i>
	Caneleiro-preto	<i>Pachyramphus polychopterus</i>
	Tuque	<i>Elaenia chiriquensis</i>
	Anambé-branco-rabo-preto	<i>Tityra cayana</i>
Piprionidae	Tangará-dançador	<i>Chiroxiphia caudata</i>
	Araponga	<i>Procnias nudicollis</i>
Hirundinidae	Andorinha	<i>Notiochelidon cyanoleuca</i>
	Andorinha-grande	<i>Progne chalybea</i>
Corvidae	Gralha-azul	<i>Cyanocorax caeruleus</i>
Trogonidae	Curruíra	<i>Troglodytes aedon</i>
Turdinidae	Sabiá-laranjeira	<i>Turdus rufiventris</i>
	Sabiá-poca	<i>Turdus amaurochalinus</i>
	Sabiá-coleira	<i>Turdus albicollis</i>
	Sabiá-ferreiro	<i>Turdus nigriceps</i>
	Sabiá-una	<i>Platycichla flavipes</i>
Vireonidae	Gente-de-fora-vem	<i>Cyclarhis gujanensis</i>
	Juruviara	<i>Vireo olivaceus</i>
Icteridae	Tecelão	<i>Cacicus chrysopterus</i>
	Chopim	<i>Gnorimopsar chopi</i>
	Vira-bosta	<i>Molothrus bonariensis</i>
	Asa-de-telha	<i>Molothrus badius</i>
Parulidae	Mariquita	<i>Parula pitiayumi</i>
	Pula-pula	<i>Basileuterus culicivorus</i>
	Pula-pula-assobiador	<i>Basileuterus leucoblepharus</i>
	Pia-cobra	<i>Geothlypis aequinoctialis</i>
Thraupidae	Gaturamo	<i>Euphonia chlorotica</i>
	Sanhaçu-frade	<i>Streptopelia diadematus</i>
	Sanhaçu-cinzento	<i>Thraupis sayaca</i>
	Sanhaçu-papa-laranja	<i>Thraupis bonariensis</i>
	Tié-de-topete	<i>Trichothraupis melanops</i>
	Tié-preto	<i>Tachyphonus coronatus</i>

	Cabecinha-castanha	<i>Pyrrhocomma ruficeps</i>
	Saíra-preciosa	<i>Tangara preciosa</i>
	Saíra-viúva	<i>Pipraeidea melanonota</i>
	Bandeirinha	<i>Clorophonia cyana</i>
	Saí-azul	<i>Dacnis cayana</i>
Cardinae	Bico-duro	<i>Saltator maxillosus</i>
	Tinca-ferro	<i>Saltator similis</i>
Emberezidae	Canário-da-terra	<i>Sicallis flaveola</i>
	Tico-tico	<i>Zonotrichia capensis</i>
	Quete	<i>Poospiza lateralis</i>
	Coleirinho	<i>Sporophila caerulescens</i>
	Sabiá-do-banhado	<i>Embernagra platensis</i>
	Cigarra-bambu	<i>Haplospiza unicolor</i>
Fringillidae	Pintassilgo	<i>Carduelis megalanicus</i>

Anfíbios

Família	Nome popular	Nome científico
Leptodactylidae	Rã-assobiadeira	<i>Leptodactylus fuscus</i>
	Rã-comum	<i>Leptodactylus ocellatus</i>
Bufo	Sapo cururu	<i>Bufo ictericus</i>
Hylidae	Rã-ferreira	<i>Hypsiboas faber</i>
	Perereca-das-árvores	<i>Hypsiboas pulchella pulchella</i>
		<i>Physalaemus lisei</i>
	Sapo-da-terra	<i>Odontophrynus americanus</i>
	Rã-das-matas	<i>Eleutherodactylus cf. guentheri</i>
		<i>Elachistocleis ovalis</i>
Ceratophrydidae	Sapo-de-chifre	<i>Proceratophrys bigibbosa</i>

Répteis

Família	Nome popular	Nome científico
Amphisbaenidae	Cobra-cega	<i>Amphisbaena prunicolor</i>
	Cobra-de-vidro	<i>Ophiodes fragilis</i>
Teiidae	Lagarto-teiú	<i>Tupinambis merianae</i>
Lacertidae	Lagartixa-arborícola	<i>Anisolepis grilli</i>
	Lagartixa-comum	<i>Pantodactylus schreibersis</i>
Colubridae	Falsa-coral	<i>Oxyrhopus rhombifer</i>
	Boipeva	<i>Waglerophis merremi</i>
	Boipeva-rajada	<i>Xenodon neuwiedi</i>
	Cobra-cipó	<i>Phyllodryas aestiva</i>
	Mussurana	<i>Clelia rustica</i>
	Cobra-d'água	<i>Helicops infrataeniatus</i>
Elapidae	Coral-verdadeira	<i>Micrurus frontalis</i>
Viperidae	Jararaca	<i>Bothrops jararaca</i>
Chelidae	Tartaruga-verde	<i>Trachemys orbigni</i>

Peixes

Família	Nome popular	Nome científico
	Cascudo	<i>Ancistrus sp</i>
	Jundiá	<i>Rhamdia sp</i>
	Lambari	<i>Astyanax sp</i>

Invertebrados

Filo/ Ordem/ Classe	Família/ Gênero
Porífera	<i>Trochospongilla sp</i>
Platyemintnes	<i>Geoplana sp</i>
	<i>Dugesia sp</i>
Annelida	<i>Pheretima sp</i>
	<i>Sanguessuga</i>
Mollusca/ Gastropoda/ Stylommatophora	<i>Helix sp</i>
Filo/ Ordem/ Classe	Família/ Gênero
	<i>Bradybaena sp</i>
Basommatophora	<i>Ampullaria sp</i>
	<i>Potamolithus sp</i>
	<i>Chilina sp</i>
/ Bivalva/	<i>Diplodon sp</i>
Arthropoda/ Araneida/ Arachnidae	Loxoscelidae
	Araneidae
	Lycosidae
	Theraphosidae
	Salticidae
	Ctenidae
	Agelenidae
	Thomisidae
/Phalangida/	
/Scorpionida/	<i>Tityus sp</i>
Crustaceae/Malacrostaca/ Amphipoda	<i>Hyaella sp</i>
/ Decapoda	<i>Aegla sp</i>
/ Isopoda	<i>Oniscus sp</i>
Chilopoda	<i>Scolopendra sp</i>
Diplopoda	<i>Narceus sp</i>
Insecta/ Coleoptera	Chrysomelidae
	Cerambycidae
	Erotylidae
	Scarabaeidae
	Elateridae
	Carabidae
	Coccinellidae

	Lycidae
	Cantharidae
	Lampyridae
	Mordellidae
	Passalidae
	Staphylinidae
	Meloidae
	Curculionidae
	Buprestidae
	Gyrinidae
	Tenebrionidae
	Lucanidae
	Cicindelidae
Homoptera	Cicadellidae
	Cercopidae
	Cicadidae
	Membrancidae
	Fulgoridae
Hemiptera	Belostomatidae
	Pentatomidae
	Reduviidae
	Tingidae
	Miridae
	Nepidae
	Coreidae
	Lygaeidae
	Aradidae
	Pompilidae
Hymenoptera	Xilocopidae
	Formicidae
	Apidae
	Vespidae
	Ichneumonidae
	Sphecidae
Neuroptera	Corydalidae
Diptera	Syrphidae
	Tipulidae
	Bombyliidae
	Calliphoridae
	Muscidae
	Tabanidae
	Drosophilidae
	Simuliidae
Orthoptera	Acrididae
	Tettigonidae

	Gryllidae
	Grylotalpidae
Lepidoptera	Sphingidae
	Bombycidae
	Acreideo
	Nymphalidae
	Pieridae
	Saturniidae
	Danaidae
	Geometridae
	Papilionidae
	Morphoidea
	Heliconiidae
Mantodea	Mantidae
Plecoptera	Perlidae
Isoptera	Termitidae/ <i>Nasutitermes</i> sp
Dermaptera	Labiidae
Thysanura	Machilidae
Odonata	Agrionidae
	Libellulidae
Blattaria	Blaberidae
	Blattellidae
Ephemeroptera	Ephemeridae
	Polymetarcidae

